

ELIZABETH BISHOP

# Prosa

*Tradução e notas*

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by the Alice H. Methfessel Trust  
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Prose

*Capa*

Victor Burton

*Foto de capa*

Cortesia da Vassar College Special Collections Library

*Preparação*

Paula Colonelli

*Revisão*

Angela das Neves

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Bishop, Elizabeth, 1911-1979.

Prosa / Elizabeth Bishop; tradução e notas Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original: Prose.

ISBN 978-85-359-2374-2

1. Contos norte-americanos I. Britto, Paulo Henriques. II. Título.

13-12815

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## *Sumário*

O batismo, 7
O mar e sua costa, 17
Na prisão, 25
Gregorio Valdes, 1879-1939, 34
Hospital Mercedes, 41
Os filhos do fazendeiro, 50
A governanta, 59
Gwendolyn, 65
Na aldeia, 77
Primeiras letras, 98
A ratinha do campo, 106
A Escola de Redação E.U.A., 124
Viagem a Vigia, 137
Esforços do afeto: Memória de Marianne Moore, 146
Ida ao botequim, 178
Recordações do tio Neddy, 184
Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios, 205
Na ferrovia chamada Encantado, 244
Correspondência com Anne Stevenson, 1963-5, 257
Gerard Manley Hopkins: Apontamentos sobre o <i>timing</i> em sua poesia, 330
Nota sobre a edição, 341
Sobre a autora, 343

## *O batismo*

Era novembro. Na penumbra, pareciam plantas aquáticas, debruçadas sobre a mesinha escura no centro, com uma toalha por cima, como uma pedra coberta de algas. Tinha-se a impressão de que uma correnteza de ar faria com que todas elas balançassem visivelmente. Lucy, a mais jovem, que ainda fazia as coisas para as irmãs, levantou-se para pegar os xales e acender o lampião. Suspirou. Como iam conseguir atravessar o inverno?

“Nós temos nossas amigas!”

Sim, era verdade, e era um consolo. Tinham várias amigas. A velha sra. Peppard, e a jovem sra. Gillespie, e a velha sra. Green e a pequena sra. Kent. Uma delas sempre vinha quase toda tarde.

Quando o tempo estava bom, podiam fazer uma visita, embora preferissem ficar em casa. Conseguiam controlar a conversa melhor quando estavam bem juntinhas, em torno da mesa delas. Como numa antífona, falavam com as amigas sobre a nevasca, a saúde, as atividades da igreja. E tinham também a igreja, é claro.

Quando a neve ficava muito funda — a neve crescia mais e mais durante todo o inverno, tal como o trigo crescia o verão inteiro, e acabava murchando em abril, sem que ninguém a colhesse —, o velho sr. Johnson, que agora era quem trabalhava no correio, trazia o jornal quando voltava para casa.

Iam conseguir sobreviver, mas a cada ano o inverno era mais comprido. Lucy pensava em carregar lenha do depósito, arranhando os braços na madeira áspera. Emma pensava em pôr a roupa na corda — a roupa congelava antes que desse tempo de estendê-la. Principalmente os lençóis — era como lutar com gaiotas geladas e monstruosas. Flora só pensava na dificuldade de levantar-se e vestir-se às seis horas da manhã, todos os dias.

Elas mantinham dois fogões acesos: o da cozinha e uma estufa na sala. O sistema circulatório da pequena casa era assim: no teto da cozinha, em cima do fogão, havia um respiradouro com uma grade de metal. Por ele subia um pouco de calor para o quarto onde Lucy e Emma dormiam. O

cano que saía da estufa da sala ia dar no quarto de Flora, mas dele saía menos calor, é claro.

Uma vez por semana faziam pão. No outro quarto havia cordas e mais cordas de maçãs secas. Comiam molho de maçã, torta de maçã, bolinho de maçã e uma espécie de bolo forrado com fatias de maçã. Em todas as refeições, bebiam muito chá e comiam muito pão. Às vezes compravam duzentos e cinquenta gramas de queijo cheddar, às vezes um pedaço de porco.

Emma tricotava xales, toalhinhas, meias de dormir, uma afetuosa teia de aranha em torno de Flora e Lucy. Flora fazia trabalhos sofisticados e produzia presentes de Natal em número suficiente para todos: para as irmãs e os amigos. Lucy não sabia fazer nada com as mãos. Sua função era ler em voz alta enquanto as outras trabalhavam.

Haviam lido um monte de velhos livros de viagem que pertenceram ao pai delas. Um chamava-se *Maravilhas do mundo*; o outro era sobre a Palestina e Jerusalém. Todas ficavam ouvindo tranquilas quando Lucy lia a respeito da árvore que dava leite tal qual uma vaca, os esquimós que viviam no escuro, o autômato que jogava xadrez etc.; mas Lucy ficava empolgada com as descrições do mar da Galileia, e a gravura que representava o jardim de Getsêmane na atualidade deixava seus olhos rasos d'água. Ela dizia “ah, Senhor!” quando via as fotos de um olival, com árabes acorados; e exclamava “céus!” quando via a Manjedoura, cercada de pedras cheias de marcas fundas, como negras impressões digitais.

Tinham lido também: (1) *David Copperfield*, duas vezes; (2) *O caçador de cervos*; (3) *Samantha na Exposição Mundial*; (4) *O autocrata ao café da manhã*.

E mais dois ou três livros da biblioteca da escola dominical, que não agradaram a nenhuma delas. Mas, por respeito à fonte, ouviram com tanta atenção como se escutassem o sermão do pastor. Lucy até assumiu um tom de voz que lembrava o do pastor, de modo que a leitura pareceu interminável.

Eram presbiterianas. A aldeia era dividida em duas facções, armadas de bíblias: batistas e presbiterianos. As irmãs tinham amigos dos dois lados.

Nas noites de sexta, reuniam-se para rezar. No domingo, havia o culto e a escola dominical; e, semana sim, semana não, a reunião das Damas de Caridade, cada vez na casa de uma amiga diferente. Emma dava aula

para as crianças menorzinhas na escola dominical. Lucy e Flora preferiam não lecionar, e sim assistir às aulas para adultos dadas pelo próprio pastor.

Agora as irmãs estavam todas ajustando o xale nos ombros, e no momento exato em que Lucy acendeu o lampião a velha sra. Peppard veio visitá-las. Abriu a porta sem bater e disse: “Tem alguém em casa?”. Era assim que se fazia. Ela estava com um casaco cor de lama muito velho, com alamares pretos grandes na frente, e um chapéu preto, forrado de pano, com uma flor de veludo.

Vinha dar a notícia de que o neném de sua irmã tinha morrido na véspera, embora tivessem tentado tudo. Ela e Emma. Flora e Lucy ficaram algum tempo conversando sobre a perdição das almas dos recém-nascidos.

Então conversaram sobre o cultivo de begônias, e a sra. Peppard pegou para si uma muda delas. Flora sempre tivera muita sorte com plantas de vaso.

Lucy ficou muito agitada depois que a sra. Peppard saiu e não conseguiu comer seu pão com manteiga; apenas tomou três xícaras de chá.

Naturalmente, e tal como Emma havia previsto, por causa do chá Lucy não conseguiu dormir aquela noite. Uma vez cutucou Emma e acordou-a.

“Emma, estou pensando naquela pobre criança.”

“Pare de pensar. Vá dormir.”

“Você não acha que a gente devia rezar por ela?”

Isso foi no meio da noite, senão ela não teria dito isso. Emma fingiu dormir. Aliás, estava mesmo dormindo, mas não tão fundo que não percebesse Lucy se levantando. No dia seguinte, contou o ocorrido a Flora, que só fez estalar a língua nos dentes, balançando a cabeça. Mais tarde passaram a referir-se a esse episódio como “o começo”, e Emma arrependeu-se de ter voltado a dormir.

Numa reunião de preces das sextas, o pastor falou na necessidade de ganhar adeptos, e pediu que falassem algumas pessoas que haviam entrado para a igreja recentemente. Art Tinkham levantou-se para falar. Discorreu por muito tempo sobre a bondade de Deus para com ele, e disse que agora se sentia feliz o tempo todo. Sentira-se tão feliz quando estava lavrando sua terra que não parara de cantar, e ao final de cada sulco recitara um versículo da Bíblia.

Depois de algum tempo, o pastor pediu a Lucy que puxasse uma prece. Ela o fez, uma oração muito longa, mas no final sua voz ficou trêmula.

Quase não conseguiu dizer amém, e sentou-se mais que depressa. Depois suas irmãs disseram que fora uma oração muito bonita, mas ela não se lembrava de uma palavra que dissera.

Emma e Lucy gostavam mais dos hinos sonhadores, desses que falam em jardins, mares cristalinos, altas montanhas etc. Flora gostava de hinos militantes; seu preferido era talvez “Castelo forte é nosso Deus”.

O de Lucy era: “Quando o cristão canta, às vezes uma luz o surpreende”. O de Emma: “Longe daqui há uma verde colina sem muros”.

Lucy ainda não era membro da igreja. Emma e Flora eram, mas quando entraram Lucy ainda não tinha idade para ser aceita. Às vezes ela perguntava às irmãs se era boa o suficiente para entrar.

“Você é boa demais para nós, Lucy.”

“Não é isso que eu quero dizer”, respondia Lucy.

À noite, ela achava que as preces de Emma terminavam depressa demais. As suas por vezes duravam quase uma hora, e mesmo assim não lhe pareciam suficientes. Lucy sentia-se muito culpada de alguma coisa. Preocupava-se tanto com isso que um dia quase conseguiu convencer Flora de que certamente teria cometido alguma falta muito grave quando pequena. Mas não era verdade.

O Natal se aproximava. A neve já chegava até o parapeito das janelas, quase ultrapassando-o, como se as irmãs morassem num navio que estava afundando. Os sentimentos de culpa de Lucy aumentavam mais e mais. Ela falava constantemente sobre a questão de entrar ou não para a Igreja.

No Natal, uma velha missionária, a srta. Gillespie, tia do jovem sr. Gillespie, veio da Índia de licença. As Damas de Caridade organizaram reuniões especiais para ela. Nessas ocasiões, aquela mulher alta, de pele escura, de buço espesso, que tinha sessenta e quatro anos de idade, falava, quase gritando, sobre o trabalho que a ocupara a vida inteira. Fotografias passavam de mão em mão. Eram meninos de rostos doces, jovens com tangas muito alvas e brincos. Depois viam-se os mesmos meninos e rapazes, usando calças de riscado sujas e camisas com as fraldas de fora. Havia umas poucas fotos de mulheres, fora de foco, porque elas levantavam as mãos para esconder o rosto ou recuavam do olho cristão da câmara.

Nem Emma nem Flora gostaram da srta. Gillespie. Flora chegou mesmo a dizer que a achou “mandona”. Mas Lucy gostou muito dela e foi vê-la

várias vezes. Em seguida, passou três semanas falando o tempo todo em virar missionária. Voltou a folhear todos os livros de viagens.

No fundo, Flora e Emma não acreditavam que a irmã iria de verdade, mas só de pensar em viver sem ela às vezes uma ou a outra ficava horrorizada. Ao final das três semanas, Lucy parou de falar no assunto; aliás, quase parou de falar de todo.

Lucy emagrecia. A pele de sua testa parecia esticada demais, e, embora ela jamais tivesse perdido a paciência em toda sua vida, as irmãs começaram a perceber que às vezes Lucy era obrigada a esforçar-se para não lhes dirigir um comentário irritado.

Seus movimentos tornaram-se muito vagarosos. No jantar, comia meia fatia de pão e recolocava a outra na cesta.

Flora, que tinha mais facilidade de dizer as coisas que Emma, disse: “Ela me faz me sentir menos boa que ela”.

Uma vez, Lucy saiu para buscar lenha no depósito e, quinze minutos depois, ainda não tinha voltado. Emma de repente deu-se conta da demora e saiu correndo de casa. Sem casaco e sem xale, Lucy estava apoiada à parede da casa. Olhava fixamente para o brilho ofuscante do sol no campo coberto de gelo, ao longe. Parecia cantarolar baixinho, e a luz obrigava-a a manter os olhos semicerrados. Emma teve que pegar sua mão para conseguir que ela lhe desse atenção. Falar com ela não adiantou.

Foi na noite do dia seguinte que as coisas estranhas começaram a acontecer.

Lucy tinha um diário. Escrevia a lápis num caderno de capa parda onde, em letras vermelhas, lia-se: “Apontamentos”. Era, na verdade, o registro de seu progresso espiritual.

“3 de janeiro. Hoje de manhã o tempo estava bom de novo, por isso Flora lavou umas roupas e nós as penduramos no jardim, apesar do vento que atrapalhava. Almoçamos um bom cozido feito com o resto do carneiro e das cenouras que o sr. Johnson trouxe. Digo que foi um bom cozido mas não consegui dar nem uma garfada. O Senhor me parece muito distante. A toda hora eu perguntava às meninas o que elas achavam de eu me tornar membro, mas elas não me ajudaram nem um pouco.”

Nesse ponto, Lucy copiou três versículos da Bíblia. Às vezes passava dias em que só anotava no diário citações bíblicas.

“16 de janeiro. Ontem à noite fez 28 graus abaixo de zero. Tivemos que



pegar a velha manta de búfalo do papai que fica no quarto de hóspedes. Não gostei do cheiro, mas Emma não se importou. Quando apagamos o lampião, fiquei rezando muito tempo, e pouco depois de me deitar senti que aquele rosto estava se aproximando de mim outra vez. Não consigo distinguir quem é, mas é muito grande e chega muito perto do meu. Parecia estar mexendo os lábios. Será que está me repreendendo?”

Quatro dias depois, Lucy começou a chorar à tarde e chorou quase até a hora de se deitar. Por fim, Emma chorou um pouco também. Flora sacudiu-a pelo ombro, mas deixou Lucy em paz.

Emma gostaria de dormir com Flora, e não com Lucy, para poder conversar com ela sobre Lucy.

Perguntou Flora: “O que foi que ela já fez de errado, Emma? Por que ela se preocupa tanto com a alma dela?”.

Respondeu Emma: “Ela sempre foi um anjo”.

“20 de janeiro. Finalmente, finalmente, sei o que quero”, escreveu Lucy, “ou melhor, desisti de querer por completo. Agora vou entrar para a igreja assim que for possível. Mas vou entrar para a Igreja *Batista*, e não posso contar nada para Flora e Emma antes. Não consigo comer, de tão feliz que estou. Esta madrugada, às quatro horas, começou a ventar, um vento terrível. Tive a impressão de que todas as árvores estavam se partindo; eu ouvia os galhos batendo na casa. Achei que a chaminé ia cair. A casa estremeceu, e pensei na Casa construída sobre a Rocha. Fiquei com muito medo. Emma não acordou. O vento continuou durante horas, na escuridão, e fiquei rezando para que todos nós escapássemos do perigo. Então fez-se uma calmaria. Estava escuro como breu, e meu coração batia tão forte que achei que estava morrendo. Não consegui pensar em nenhuma oração. Então, de repente, uma voz começou a falar baixinho, bem junto à cabeceira. Eu não conseguia entender o que ela dizia, não eram palavras que eu conhecesse direito, mas parecia que eu as entendia. Um grande peso caiu de meu espírito! Então fiquei tão feliz que acordei Emma e disse: ‘Emma, Emma, Cristo está aqui. Ele esteve aqui agora mesmo, neste quarto. Levante-se e reze comigo’. Emma saiu da cama e ajoelhou-se, depois disse que o chão estava frio e quis puxar o tapete para baixo de nós. Mas eu disse: ‘Não, Emma. Para que precisamos de tapete se temos todo o amor de Cristo para aquecer nossos corações?’. Depois disso ela não insistiu mais, e fiquei muito tempo rezando, por Flora também. Quando voltamos para a cama, contei para Emma que eu tinha ouvido uma voz.”

No dia seguinte Lucy procurou o pastor batista e disse-lhe que havia decidido entrar para sua igreja. Ele era muito severo, mais velho que o pastor presbiteriano, e Lucy sentiu na mesma hora que era um homem muito melhor.

Porém surgiu um problema imprevisto. Lucy agora acreditava com todo o fervor na imersão total praticada pelos batistas, de acordo com o que lhes parecia ser o método utilizado por João Batista. Sem isso, não poderia entrar para a Igreja, e o rio, naturalmente, estava congelado. Lucy teria que esperar até o degelo.

Essa ideia era-lhe quase insuportável. Em meio a sua ânsia de ser batizada e a sua decepção, esqueceu que havia decidido não anunciar sua mudança de fé às irmãs. Elas pareceram não se importar muito, mas, quando Lucy lhes pediu que mudassem junto com ela, as duas se recusaram a considerar a possibilidade.

Lucy ficou tão excitada que as irmãs a fizeram deitar-se às cinco horas. Emma embrulhou a tampa quente de uma das bocas do fogão para colocá-la junto a seus pés.

“25 de janeiro. Ontem à noite me senti muito mal e chorei bastante. Pensei que mamãe sempre me dava o que havia de melhor porque eu era a menorzinha e aceitava tudo sem pensar em minhas irmãs. Emma disse: ‘Pelo amor de Deus, Lucy, pare de chorar’. Expliquei a ela e ela ficou muito mais meiga. Levantou-se e acendeu o lampião. Quando a luz iluminou o rosto dela, chorei de novo. Ela acordou Flora, que vestiu o roupão e se sentou na cadeira de balanço. Ela queria preparar alguma coisa, mas eu disse que não. O lampião começou a fumar. A fumaça subia para o teto e tinha um cheiro muito forte e bom, como gerânio-rosa. Comecei a rir e chorar ao mesmo tempo. Flora e Emma conversavam, mas parecia que tinha mais gente falando também, e mais a voz à cabeceira da cama.”

Alguns dias depois, Lucy estava muito triste. Não conseguia rezar nem fazer mais nada na casa. Ficava o dia todo sentada junto à janela.

À tarde, apontou para a estrada que seguia em direção à serra, ladeada por árvores, e perguntou: “Flora, que diferença faz para onde essa estrada vai?”.

Emma e Flora estavam desmanchando o vestido de seda azul de Emma para fazer uma blusa. Uma mariposa caminhava na vidraça. Emma disse: “Pegue o mata-moscas, Lucy”.

Lucy levantou-se, depois voltou a sentar-se e disse outra vez: “Que diferença faz?”.

Pegou seu diário e nele anotou, de memória, todas as estrofes de “Volta, ó pomba celestial”.

Após o jantar, parecia mais alegre. Agora passavam as noites sentadas na cozinha, porque ali era mais quente. A única luz vinha de um lampião, de modo que o ambiente era bem escuro; o círculo vermelho em torno das bocas do fogão brilhava.

De repente Lucy ficou em pé.

“Emma, Emma, Flora. Estou vendo Deus.”

Fez um gesto em direção ao fogão.

Deus, Deus estava sentado no fogão da cozinha, ardendo, queimando, enchendo toda a cozinha com um calor delicioso e um cheiro de gordura e doçura.

Lucy sentia mais a presença de seu corpo que a de seu rosto. Aquele corpo belo e luminoso era rajado como um girassol. Ele iluminava o rosto de Flora e o de Emma, um de cada lado do fogão. O fogão não o queimava.

“Os pés dele estão no inferno”, comentou ela com as irmãs.

Depois disso, por um bom tempo Lucy permaneceu feliz, e tudo parecia estar quase como no inverno anterior, com a única diferença de que Lucy agora frequentava sozinha a igreja e os círculos de oração batistas.

Ela falava sempre em tornar-se membro da igreja. Já acontecera uma ou duas vezes de pessoas resolverem entrar para a igreja no meio do inverno, e nesses casos haviam aberto um buraco no gelo para fazer uma pia batismal. Lucy implorava ao pastor, mas ele achava que isso não seria necessário para ela.

Um desses casos fora o de um fazendeiro que bebia e batia na mulher; converteu-se, e ele próprio quebrou o gelo. O outro fora um rapaz, que também parara de beber; esse já tinha morrido.

Dizia Flora: “Ah, Lucy, espere até o gelo derreter”.

“É”, respondia Lucy, com amargor, “e até minha alma se perder para toda a eternidade.”

Ela rezava para que a primavera chegasse logo.

No dia 19 de março, Flora acordou e ouviu o ruído de todos os anos, uma espécie de rugido discreto acompanhado do tilintar de vidro quebrando.

“Graças”, pensou ela. “Quem sabe agora a Lucy nem vai mais querer ser batizada.”

Todos ouviram o início do degelo, na serra distante, e foram para a ponte. Lucy, Emma e Flora foram ver também. O gelo vergava, formando paredes reluzentes de cinco, sete metros de altura, dignas de palácios celestiais, que depois desciam o rio lentamente.

De vez em quando via-se um espaço de água marrom-escuro. Isso perturbou Lucy; ela imaginava que seria batizada numa água cristalina, ou azul-clara.

O batismo ocorreu no dia 24. Foi como todos os outros, e a aldeia já estava acostumada a batismos muito no início da primavera, se bem que normalmente eram de rapazes fervorosos.

Na margem do rio havia algumas charretes, as dos membros do coro, que estavam em pé, protegidos por casacos e chapéu, cada três ou quatro pessoas dividindo entre si um livro de hinos. A maioria das testemunhas assistiam à cena da ponte, olhando para baixo. Naturalmente, sempre havia um menino ou rapaz que ousava cuspir, debruçado na grade.

O rio estava muito alto, as águas lamacentas, com manchas de espuma amarelenta. O céu estava todo coberto de nuvens cinzentas, finamente dobradas e redobradas. Flora via as raízes geladas de uma árvore chegando até o rio, e as margens sujas de neve amarela como a espuma.

A toga do pastor, que ele só usava nessas ocasiões, encheu-se de vento, até que a água a puxou para baixo. Ele tinha nas mãos um lenço limpo, dobrado, para colocar sobre a boca de Lucy no momento exato. Também ela trajava uma toga, que a fazia parecer mais alta e magra.

O coro cantou “Estou indo, Senhor, indo agora ao teu encontro”, um hino que sempre se prolongava demais, e depois “Vamos reunir-nos à beira do rio onde pisaram pés de anjos iluminados?”. Findo o batismo, iriam cantar uma música mais alegre e rápida, mas as irmãs não ficaram para ouvi-la.

Lucy afundou sem nenhum movimento, e Flora e Emma ficaram pensando que ela não ia voltar à tona nunca mais.

Flora segurava o casacão de Emma, pronto para agasalhá-la. Nada convencional, Emma aguardava dentro da charrete que lhe emprestara a sra. Green, de modo que partissem para casa assim que Lucy chegasse à margem. Segurava as rédeas, e tinha que se conter para não pegar o chicote com a outra mão.

Por fim, a cerimônia terminou. Colocaram Lucy, encharcada, no meio. Seus cabelos estavam escorridos. Ainda bem que não moravam longe do rio!

No dia seguinte, Lucy estava muito resfriada. Emma e Flora cuidaram dela por uma semana; então o resfriado passou para o peito. Lucy não parava na cama. O máximo que conseguiam fazer era convencê-la a ficar deitada no sofá na cozinha.

Um dia, à tarde, as irmãs acharam que ela estava com febre alta. Ao cair da tarde, Deus reapareceu na cozinha. Lucy aproximou-se do fogão, gritando.

Emma e Flora afastaram-na, mas ela já havia queimado seriamente a mão direita.

Naquela noite, chamaram o médico, mas na noite seguinte Lucy morreu, chamando as irmãs pelo nome.

O dia do enterro foi o primeiro dia agradável de abril, e toda a aldeia compareceu, muito embora as estradas estivessem cobertas de lama. Jed Leighton deu uma linda planta que mandou vir da cidade, uma massa de flores brancas. Todos os outros já haviam cortado os gerânios, vermelhos, brancos e rosa.